

EDIFICIO DA CAIXA ECONOMICA E DO MONTE DO SOCCORRO

O edificio da Caixa economica e do Monte do soccorro

Poucos, bem poucos, são os nossos estabelecimentos e repartições publicas, que têm casa propria ou apropriada, e em geral os que as possuem estão deslocados em edificios, que ou foram a principio destinados para outros fins, ou traçados por quem não se deu ao trabalho de estudar a indole do estabelecimento para o qual foi encarregado de construir abrigo.

Taes são, por exemplo, o do Correio, que é tão mío que necessita de luz artificial até nos dias mais claros; o da Imprensa Nacional, cujas officinas não recebem a luz segundo os preceitos da sciencia; o da Secretaria da Agricultura, que está á beira-mar quando devêra ser central, e finalmente o recém-construido para a Caixa economica e Monte do soccorro, que pecca pela mesma má collocação que o da Agricultura.

Tratando-se de uma Caixa economica, parece que se deveria escolher local accessivel ás classes operarias; ora, não se dirá que estas se acham concentradas no perimetro em que foi collocado o novo edificio, e muito menos que seja alli o melhor lugar para quem precisa ir empenhar as suas joias, justamente em um centro de actividade mercantil e de ajuntamento da marinhagem de navios de todas as nações que fazem escala pelo nosso porto.

Sabemos muito bem que, em consequencia de ter sido a área offerta graciosamente por S. M. o Imperador, é que alli se collocou esse edificio, mas parece-me que tudo se remediaria aceitando-se o terreno, e, com a devida venia, permutando-o por outro mais bem localisado.

Pondo, porém, de parte este senão, o edificio da Caixa economica e do Monte do soccorro, cuja fachada principal damos hoje na estampa em perspectiva, á pag. 49, faz honra á capital do imperio: é uma bella e solida construcção, que para alguns só tem o defeito de não ser todo de dous pavimentos, o que talvez relativamente pouco mais importasse no custo.

A Caixa economica e Monte do soccorro formam um só edificio, completamente isolado, enfrentando a fachada principal com a rua D. Manoel, e a dos fundos com a rua Fresca, e pelas faces lateraes correndo duas ruelas, que, servindo de isoladores, servem ao mesmo tempo para dar por uma dellas entrada ao Monte do soccorro, poupando assim ao vexame aquelles a quem a necessidade obriga a procurar essa casa.

Toda a construcção é de estylo classico, dorico-romano puro, sendo a parte superior composita, adaptando-se á ordem corynthia; occupando uma area de 1599 metros quadrados, tendo 41 metros de frente e 39 de fundo, fóra o portico, que é saliente.

Divide-se a fachada principal em tres corpos sendo os dous lateraes de um só pavimento e o central de dous, medindo este da baze ao apice do emblema ornamental 21^m de altura e aquelles da baze ao entablamento 8^m e 50 tambem de altura.

O corpo central tem 11^m e 50^c de extensão e os lateraes 14^m e 75^c.

As faces da frente e dos fundos alinham exactamente com as identicas da Secretaria da Agricultura, de fórma que, quando forem demolidos os vellos edificios pertencentes á Casa imperial, os quaes serviram de antigas cocheiras, as ruas Fresca e de D. Manoel se alinharão rectamente com aquelles dous novos edificios. Para completo desafogo da Caixa economica e Monte do soccorro, torna-se tambem necessaria a demolição de um velho sobrado que se acha na rua Fresca fóra de todo e qualquer alinhamento.

Todo o embazamento externo do edificio é de cantaria bem lavrada, bem como o revestimento das quatro faces externas até a altura das cornijas, incluindo os portaes, tanto do primeiro, como do segundo pavimento, em arcada, como se vê na estampa. As portas recolhem na grossura da parede os degrãos, deixando assim completamente livre o transito das calçadas.

Todos os ornatos superiores são trabalhados em cimento de Portland, em condições de resistir ás bruscas mudanças da temperatura atmospherica. As duas bellas figuras que ornaram a fachada, no corpo central, são de ferro da celebre fundição de Val d'Osne; *nicheladas*, como se acham, produzem um bello effeito; uma representa a Sciencia e outra o Trabalho.

A' entrada do corpo central, depara-se no primeiro pavimento com um bello e elegante vestibulo; á esquerda fica a sala do gerente, á direita a escada e ao fundo a sala reservada aos empregados.

No pavimento superior, em seguimento á sahida da escada, ha um gabinete, communicando ambas as peças com o salão das sessões, que mede 15^m de comprimento sobre 10 de largura.

Nos corpos lateraes, de um só pavimento, estão collocados: á esquerda o salão da recepção dos depositos da Caixa economica, medindo esta peça 36^m e 25^c de extensão sobre 14^m e 75^c de largura, e á direita a sala publica do monte do soccorro, com 10^m de

comprimento por 11^m de largura; a casa forte de construcção abobadada, á prova de fogo, com 11^m e 50^c de cada face; e finalmente a sala dos leilões com 11^m de comprimento por 10^m de largura.

Toda a edificação importou em pouco mais de 300:000\$, por empreitada, contratada com o fallecido mestre Antonio Alves Moreira do Couto, sem entrar a pintura que foi feita por 5:900\$. Entre as obras de carpintaria admira-se a escada que dá accessõ ao segundo pavimento, que é de primorosa execução devida ao Sr. J. Gonzales y Gonzales.

Quer sob o ponto de vista da solidez, quer da elegancia, este edificio satisfaz plenamente os seus fins, e pôde ser considerado como um dos mais bellos desta cidade, honrando o nome do distincto architecto o Sr. Bethencourt da Silva, a quem se deve incontestavelmente as nossas melhores edificações publicas, taes como as escolas da Gloria e de Santa Rita, a parte nova do collegio de Pedro II, a reedificação da Academia das bellas-artistas, e finalmente a Praça do commercio, que é hoje o principal edificio civil que possuímos.

Aos edificios architectados pelo Sr. Bethencourt da Silva, pôde faltar essa *novidade* que tanto se aprecia entre nós, de misturas disparatadas de tijolo crú com marmore, como no edificio do Correio, ou incrustações de monolithos manuelinos pesadões, como na parte nova do Banco do Brazil, mas do que nunca carecerá é de maior solidez, nem jamais desmentirá as imprescriptiveis regras do bom estylo; no geral as suas producções tem o cunho da simplicidade e elegancia do renascimento.

Em que pese a seus detractores, ainda em nenhuma das suas obras deram-se os tristes exemplos da Imprensa Nacional que rachou, ou do Correio que desequilibrou-se: todos os trabalhos feitos sob sua direcção estão destinados a viver e muito.

F. F.



BOTOCUDOS

Formam os Botocudos uma tribu de caracteres physicos hoje muito conhecidos dos anthropologistas europeus e americanos, graças principalmente ao estudo das collecções osteologicas do Museu Nacional e ás informações exactas que prestaram alguns viajantes. Elles occupam certas zonas do territorio da provincia de Minas e do Espirito-Santo, nas margens do rio Doce, do Mucury e do rio Pardo.

No physico são fortes, musculosos e bem constituídos. A sua estatura, porém, não é muito elevada. Raras vezes attingem mais de seis pés de altura. O tronco é fornido e o thorax tem um notavel desenvolvimento em largura, e é achatado, em vez de convexo, na face anterior. O trônco é tambem mais alongado do que costuma ser na raça caucasica. As pernas são delgadas, as mãos e os pés relativamente pequenos e delicados.

Nas mulheres os seios são cahidos, devido isso a uma notavel inclinação para baixo do thorax. A cintura não é estreita como na raça caucasica, antes, ao contrario, ella é grossa e cheia. O abdomen é desenvolvido e proeminente, a cicatriz umbilical descendo muito mais abaixo do que na raça caucasica. Nas mulheres as pernas são não raramente arqueadas e a região glutea ampla.

No homem o craneo tem uma frente baixa e ás vezes bastante inclinada para traz, o occiput deprimido, as temporas ligeiramente convexas. A face é alongada, com os pomos salientes e os supercilios accentuados.

Na mulher esses caracteres craneo-faciaes encontram-se menos pronunciados.

O labio inferior apresenta-se quasi sempre perfurado e distendido por uma rodella de madeira. Os lóbos das orelhas são igualmente providos desse ornato, o que dá á physionomia desses individuos um aspecto dos mais repulsivos.

O systema piloso da face é muito pouco desenvolvido em ambos os sexos.

A cabeça, porém, é coberta de bastos, negros e rijos cabellos.

A coloração do tegmento externo varia entre um vermelho cuprico e uma côr escura azeitonada. Nos musculos e no tronco a coloração é muitas vezes mais carregada do que na face.

Sob o ponto de vista moral e intellectual, são os Botocudos a expressão de uma raça humana no seu maior gráo de inferioridade. Alguns conservam ainda o horrivel costume de anthropophagia, e com grande difficul-

dade chegam a adaptar-se ao meio civilizado.



Tambem elles estão prestes a extinguir-se como raça, sendo provavel que em meio seculo não se possa encontrar mais o typo puro, como aqui representa a estampa. ■

DR. J. B. DE LACERDA.



MARINHA DE CASTAGNETO

A marinha que damos hoje entre as nossas gravuras é do Sr. Castagneto, um gentil artista que por este modo veio graciosamente em nosso auxilio enriquecendo as paginas do *Brazil Illustrado* com um dos seus inspirados *croquis*.

O Sr. Castagneto é um pintor de muito talento; estudioso e trabalhador como é, tem diante de si um esplendido futuro.

Si a marinha que damos hoje é digna de applauso pela *franqueza* com que está desenhada, mais o são ainda as suas *pay-sagens* e pinturas de genero que por vezes

tem exposto ao publico. Mais tarde contamos dar aos nossos assignantes um desses trabalhos em que tanto se distingue o Sr. Castagneto pela verdade com que reproduz o que tão adextradamente sabe ver.

convite do Sr. Rodolpho Bernardelli fui ao côro da igreja da Candelaria ver o modelo, no tamanho exacto, do tumulo de José Bonifacio, cognominado o patriarcha da nossa independencia.

O embazamento representa um catafalco, ornado com simplicidade e elegancia, e sobre elle descansa o ataude, no qual repousa o illustre morto, fardado e preparado para descer ao leito eterno. Um grande manto envolve a parte inferior do corpo, deixando cahir em gracioso desalinho algumas dobras para o lado de fóra até alcançar os dous ultimos degráos superiores.

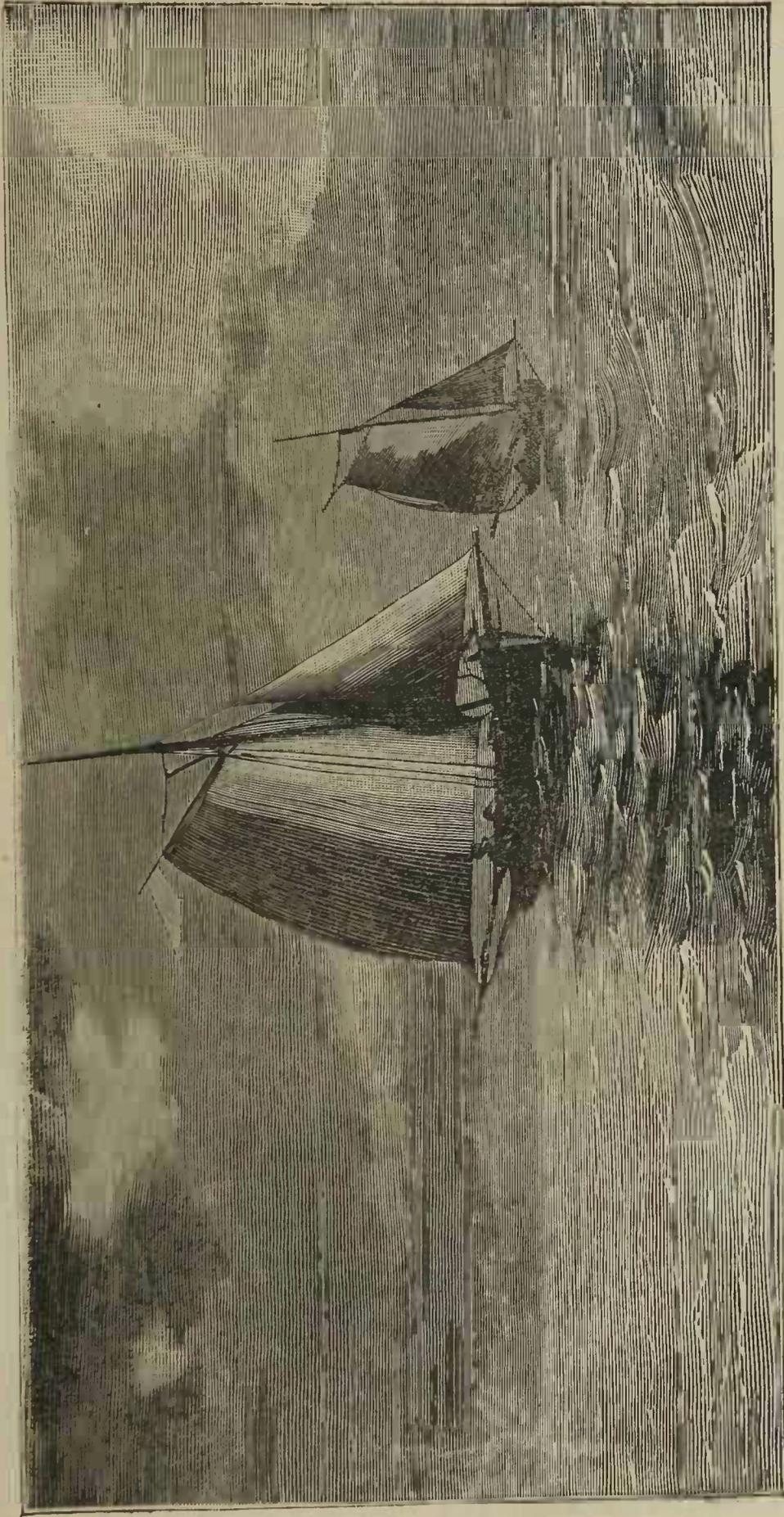
A figura é magistralmente talhada, e na physionomia estampam-se os signaes caracteristicos da morte. Está-se diante de um finado, não ha duvidal-o, e a cabeça, mal povoada de cabellos synthetisa bem o sabio encanecido ao serviço da sciencia mais que o patriota amargurado pelas agruras de uma politica nascente, tal como foi esse homem que tanto hõra o nome brasileiro.

Quer estudado em seu conjuncto quer por partes o modelo pareceu-me correcto; as dobras do manto são feitas a primor e sob a parte elevada reconhece-se bem que ha alli carnes congeladas, e nervos enrijados pela accção da morte.

Só não pareceu-me feliz a idéa de depositar o corpo dentro do ataude, posto que isso seja a verdade; mas, em que pese aos ultra-realistas a verdade na arte nem sempre é bella. As linhas rectas, as paredes a prumo e as arestas quasi vivas do caixão desagradam, arranham-me o espirito. Talvez fosse preferivel um colchão; diriam, que a verdade em tal caso seria sacrificada, mas todas aquellas fórmas mais ou menos ondulosas não estariam como que emquadradas naquellas duas parallelas geometricas, como se estivessem alinhando o monumento.

* *
*

Aproveitando o ensejo vi tambem o esboçeto para a estatua de José de Alencar. Não gostei do pedestal, é verdade que a estatuaria não tem muito que pedir á architectura nestes casos; contudo prefereriria a fórma circular á ablonga ou octogona, até mesmo porque já temos ambas empregadas nas duas estatuas que possui a capital.



MARINHA, DE J. B. CASTAGNETO—GRAVURA DE A. PINHÍRO.

A figura apresenta-se sentada em uma cadeira, tendo em uma das mãos um livro entreaberto. O romancista medita o que leu ou deixa correr à fantasia o espirito rebelde que nesse momento não quer fixar-se nessas paginas.

Este esboço annuncia desde já uma bella obra; sómente, o artista precisa conhecer melhor aquelle cujas fórmas physicas tem de moldar sob suas mãos adextradas; o homem que alli está não é José de Alencar; não ha, ousou dizel-o, a menor semelhança.

O autor de *Iracema* era de compleição franzina, e tinha o busto um tanto desproporcional ás pernas, que eram finas e curtas. O que nelle avultava e prendia a attenção era a cabeça, não desconforme, mas bem moldada: a barba cerrada e castanha trazia-a elle cuidada, mas não apparada com a regularidade com que a esboçou o artista.

Se ha hoje na familia quem mais possa lembrar o laureado romancista é o Sr. barão de Alencar, pois ha dous ou tres annos, quando aqui estive e nos fallámos, ao avistal-o senti o impressionamento de uma evocação; pareceu-me ver modificado, por qualquer eventualidade, o autor do *Guarany*.

Seria talvez de toda conveniencia, tanto para a obra de arte como para o artista, que este travasse conhecimento com o Sr. barão de Alencar, tanto mais quando tão proximo se acha elle de nós.

*
* *

Quem vai á igreja da Candelaria, embora com outro fioto, não póde deixar de admirar mais uma vez as grandiosas pinturas do Sr. Zeferino, um artista de grande merecimento que não procura meios de se fallar delle, contentando-se em estudar e trabalhar, certo de que legará á posteridade alguma cousa de perduravel que não deixará esquecer-lhe o nome.

Por um feliz acaso achava-se presente Zeferino, a quem outr'ora tão de perto conheci quando aprendiamos desenho com o velho Miranda; o Miranda, um honrado artista, que como a sua melhor obra de arte, apresentava cheio de justo orgulho o seu discipulo Victor Meirelles. Achando-se, pois, presente Zeferino, era impossivel não ter alguma cousa nova, ao menos para mim, que ver e que admirar.

Effectivamente, ainda não tinha visto, e foi com a admiração que tenho por tudo quanto faz Zeferino, que é sempre com consciencia e gosto, que vi o esboço da pintura para o fundo do côro da igreja. Um primoroso trabalho que será a chave de ouro de toda aquella grande obra de pintura, a que elle ha annos se' consagra, e que ha de vir a ser

um dia o orgulho desta cidade, ainda mesmo quando rica de monumentos, pois o interior da Candelaria jamais terá de desclassificar-se junto de tudo quanto se possa vir a fazer de bom entre nós.

Representa aquelle esboço a festa de Santa Cecilia, a qual assiste numeroso concurso de fieis, o que permittirá ao artista fixar alli physionomias dos nossos mais distinctos contemporaneos nas artes e nas letras; bem como nos mesarios, que alli estão ás portas do templo, retratar os que mais têm concorrido para levar por diante a conclusão da monumental igreja da Candelaria.

Trata agora o Sr. Zeferino de estudar os seis quadros que devem rememorar a fundação do piedoso instituto, e que têm de occupar o vasto tecto abobadado do corpo geral da igreja.

Faço votos para que leve ao termo essa galeria esplendida de pintura sacra, onde seu nome se estampará immorredouro como o de Miguel Angelo se estampa nas abobadas da capella sixtina. F. F.



O VISCONDE DE PORTO SEGURO

Quando se considera a enorme somma dispendida com a nossa diplomacia effectiva, e o pessoal numeroso, em bôa parte composto de illustrações que nella tem sido empregada, em relação ao que ella tem feito a bem do paiz, não se póde deixar de reconhecer que Francisco Adolpho Warnhagen, comquanto estivesse bem longe de ser o que na ampla accepção do vocabulo se chama um bom diplomata, foi comtudo o modelo dos nossos diplomatas, pois no exercicio de suas funcções jámais descurou os interesses moraes da patria, concorrendo para a organisação do nosso inventario historico com subsidios de inestimavel apreço.

A quasi inutilidade da nossa diplomacia effectiva, com raras excepções, comprova-se exuberantemente pelas continuas falsidades que se escrevem nos jornaes europeus e que ficam sem resposta; pelos livros que se publicam com erros crassos á respeito do Brazil justamente nos centros onde a nossa diplomacia é mais aparatosa. Abra-se qualquer dictionario de historia ou geographia universal, e ficar-se-ha pasmo do que nelles se encontra a nosso respeito; e de balde pediriam os seus autores informações aos nossos diplomatas, pois do que elles menos sabem é em relação ao paiz que representam.

Ao contrario da maioria senão de todos elles, foi Francisco Adolpho Warnhagen;

pois, comquanto transportado em tenra idade para a Europa, educado e instruído em uma escola militar de Portugal, tanto amava a patria e tão cedo se dedicou ao serviço de suas letras, que vivendo sempre em paizes estrangeiros, ninguém melhor do que elle conhecia as cousas do seu; a historia, a geographia, a topographia, ethnographia, litteratura, lingua, usos e costumes brasileiros tudo lhe eram de uma familiaridade extraordinaria.

Nasceu Francisco Adolpho Warnhagen, na fabrica de ferro de S. João de Ypanema, provincia de S. Paulo, a 17 de Fevereiro de 1816. Seu pai o tenente-coronel Frederico Luiz Guilherme Warnhagen, engenheiro geologo de nacionalidade allemã, ao serviço de Portugal, veio para o Brazil nos tempos de D. João VI, e a elle se deve principalmente a fundação dessa fabrica, contra o voto de Martim Francisco Ribeiro de Andrada, que em sua informação ao Conde da Barca, negou a existencia naquellas minas da terra refractaria precisa á fundição, o que o engenheiro Warnhagen sustentou e provou em contrario ¹.

Bem moço ainda entrou Francisco Adolpho Warnhagen para a carreira diplomatica, estreando-se quasi que ao mesmo tempo na carreira das letras e logo no cultivo do apurado ramo da historia. Contando apenas 23 annos escreveu as suas *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo XVI*, como prefacio a obra de Gabriel Soares de Souza, escripta em 1587, que pela primeira vez vio a luz da publicidade, em Lisboa em 1839, formando o volume das *Noticias para a historia das nações ultramarinas*.

A obra de Gabriel Soares sahio então muito eivada de erros, em razão do máu codice de que se servira a Academia Real de Sciencias de Lisboa para essa publicação; mas desde então Warnhagen empreendeu a difficil tarefa de expurgal-a de todas essas imperfeições, cotejando para isso, por meio de cópias, os codices existentes em Portugal, Hespanha, França, e Brazil, até que enriquecido de preciosas notas bibliographicas foi o *Tratado descriptivo do Brazil* publicado nesta cidade do Rio de Janeiro, pelo Instituto Historico em 1851 ².

¹ Leta-se a este respeito a:—*Memoria historica da fundação da fabrica de ferro de Ypanema*, por Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, Lisboa, 1823 e os:—

Subsidios para a historia de Ypanema, por Frederico Augusto Pereira de Moraes (cunhado de Warnhagen), Lisboa, 1853. Reproduz toda a memoria do Senador Vergueiro e junta-lhe um appendice de mappas e documentos muito importantes.

² Além de incorporado e formando o tomo XIV da *Revista do Instituto* tiraram-se exemplares em separado.

A fundação, em 1839, deste benemerito Instituto foi para Warnhagen, motivo para grande incentivo; entrando logo no anno seguinte para socio, começou a enriquecer as paginas da sua *Revista* com memorias e apontamentos que cada vez acentuavam mais a sua irresistivel vocação para o estudo da historia sul-americana.

No mesmo anno em que entrou para o Instituto concorreu com um trabalho de merecimento—*As primeiras negociações diplomaticas respectivas ao Brazil*—, publicado no 1º e unico volume de *Memorias* que, á imitação da Academia Real de Sciencias de Lisboa, deu á publicidade o nosso Instituto.

Em Lisboa, publicou Warnhagen em 1845, o *Caramuru* de Santa Rita Durão e o *Uruguay* de José Basilio da Gama, reunidos em um volume sob o titulo *Epicos Brasileiros*, precedidos de um estudo biographico critico. E em 1850 o seu interessantissimo *Florilegio da poesia brasileira*, contendo excerptos dos nossos antigos poetas, em dois volumes, aos quaes addicionou um terceiro, em 1858, com fragmentos poeticos de contemporaneos; achando-se então em Madrid, como nosso encarregado de negocios.

Nesse mesmo anno de 1858 publicou no *Bulletin* da Sociedade Geographica de Paris: *Examens de quelques points de la histoire et de la geographie du Brésil; comprenant des éclaircissements nouveaux sur le seconde voyage de Vespuce* ³; memoria por elle lida em uma das sessões desse instituto.

Numerosos trabalhos publicou ainda Warnhagen na *Revista trimestral do Instituto*, desde 1843 até 1863. Durante esses vinte annos foi elle um dos mais activos colaboradores desse importante repositório de elementos para a feitura da nossa historia ⁴. Emquanto isto, reunia por outro lado mate-

³ Sahio no t. XV da 4ª série do *Bulletin*, de pags. 145 a 215 e tiraram-se tambem exemplares em separado.

Refundida e acrescentada foi novamente impressa na cidade de Lima em 186... quando Warnhagen ahi se achava como nosso representante junto da republica do Peru.

⁴ Entre elles são dignos de especial menção: 1) *Caramuru perante a historia* no t. X, 1843; 2) *Biographias de: 2) Salvador Corrêa de Sá Benevides*, t. V, 1843; 3) *Gaspar Gonçalves de Araujo*, t. V, 1843; 4) *Brigadeiro Ignacio de Souto Maior Rendon*, t. V, 1843; 5) *Martim Affonso de Souza*, t. V, 1843; 6) *Fr. José de Santa Rita Durão*, t. VIII, 1846; 7) *Euzebio de Mattos*, t. VIII, 1846; 8) *Antonio José*, t. IX, 1847; 9) *Manoel Botelho de Oliveira*, t. IX, 1847; 10) *Vicente Coelho Seabra*, t. IX, 1847; 11) *João de Brito Lima*, t. X, 1848; 12) *Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica*, t. X, 1848; 13) *Thomas Antonio Gonzaga*, t. XII, 1849; 14) *Ignacio José de Alvarenga Peixoto*, t. XIII, 1850; 15) *Domingos Caldas Barbosa*, t. XIV, 1852; 16) *Antonio de Moraes e Silva*, t. XV, 1853; 17) *Jorg; de Albuquerque Maranhão*, t. XXV, 1882.

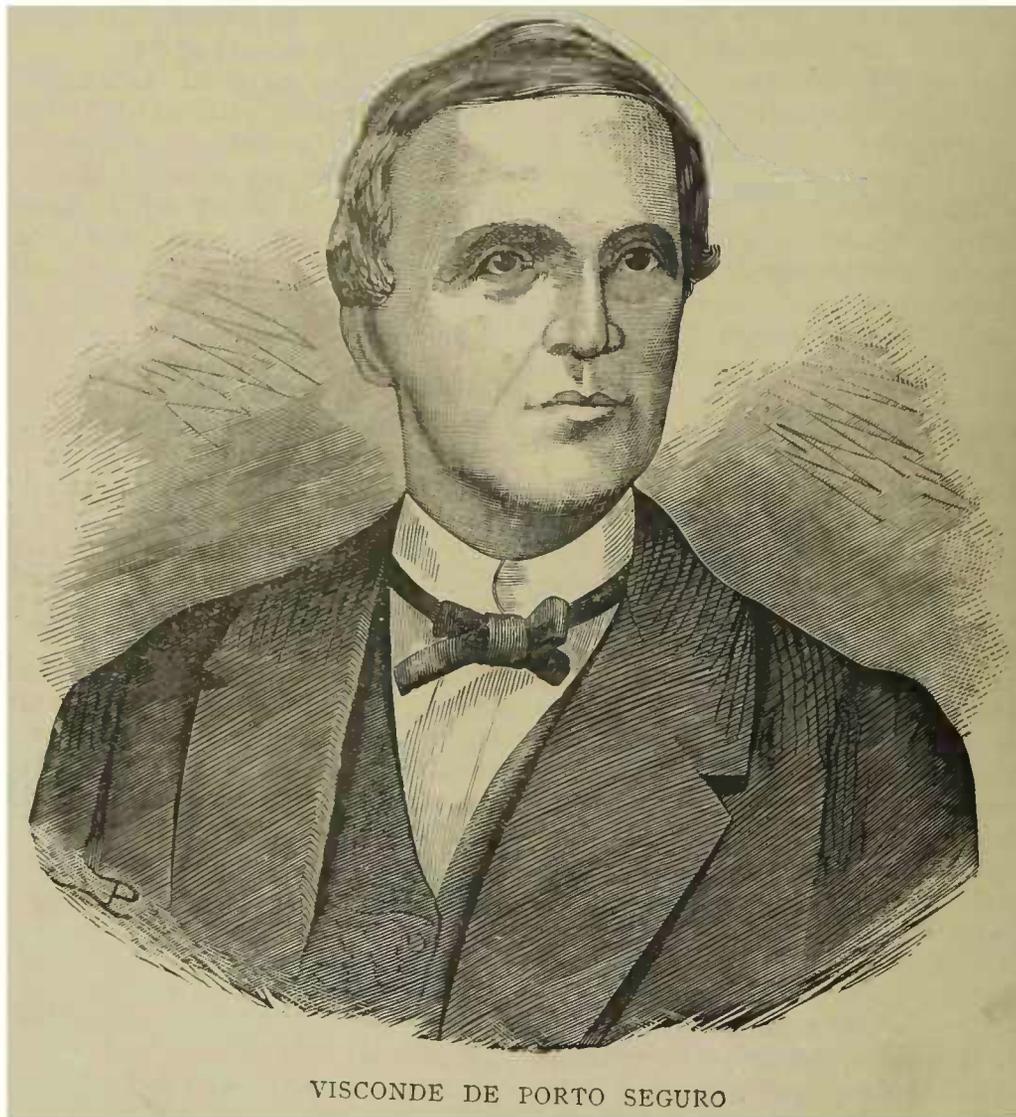
Quasi todas essas biographias na integra ou resumidas se encontram no *Florilegio Brasileiro*.

riaes em extraordinaria cópia para levantar o seu monumento imperecível que a *Historia geral do Brazil*, sahida em primeira edição dos prelos de Madrid de 1854-1857⁵.

Como bibliographo colheu Warnhagen em suas admiraveis investigações pelas bibliothecas europeas e americanas, varios manuscritos rarissimos que deu á publicidade a bem da lingua commum de Portugal e do Brazil, taes foram: a preciosa *Narrativa epistolar de Fernão Cardin* publicada em Lisboa em 1837; o *Diario de navegação*

Todos esses trabalhos sahiram apurados pela mais correcta revisão, e enriquecidos de notas bibliographicas, tão notaveis pela erudição que revelam como pela luz que deram nos assumptos a que se referem.

Da sua estada na Hollanda recolhendo copiosos elementos, com elles escreveu a sua *Historia das lutas com os Hollandeses no Brazil, desde 1624 a 1654*, impressa em Lisboa em 1872, obra vultuosa e da maior importancia pela veracidade de seus fundamentos.



VISCONDE DE PORTO SEGURO

de *Pero Lopes*. Ibidem em 1839⁶ e as *Trovas e cantares da livraria do Conde de Barcellos*, subsidio valiosissimo para o estudo da philologia.

5 A 2ª edição muito aperfeiçoada foi impressa em Vienna em dois grandes volumes em 18... Edição da casa Laemmert.

6 E em 2ª edição 1847 e em 3ª na *Revista do Instituto historico*, t. XXIV, 1861 e finalmente 4ª edição em 1867.

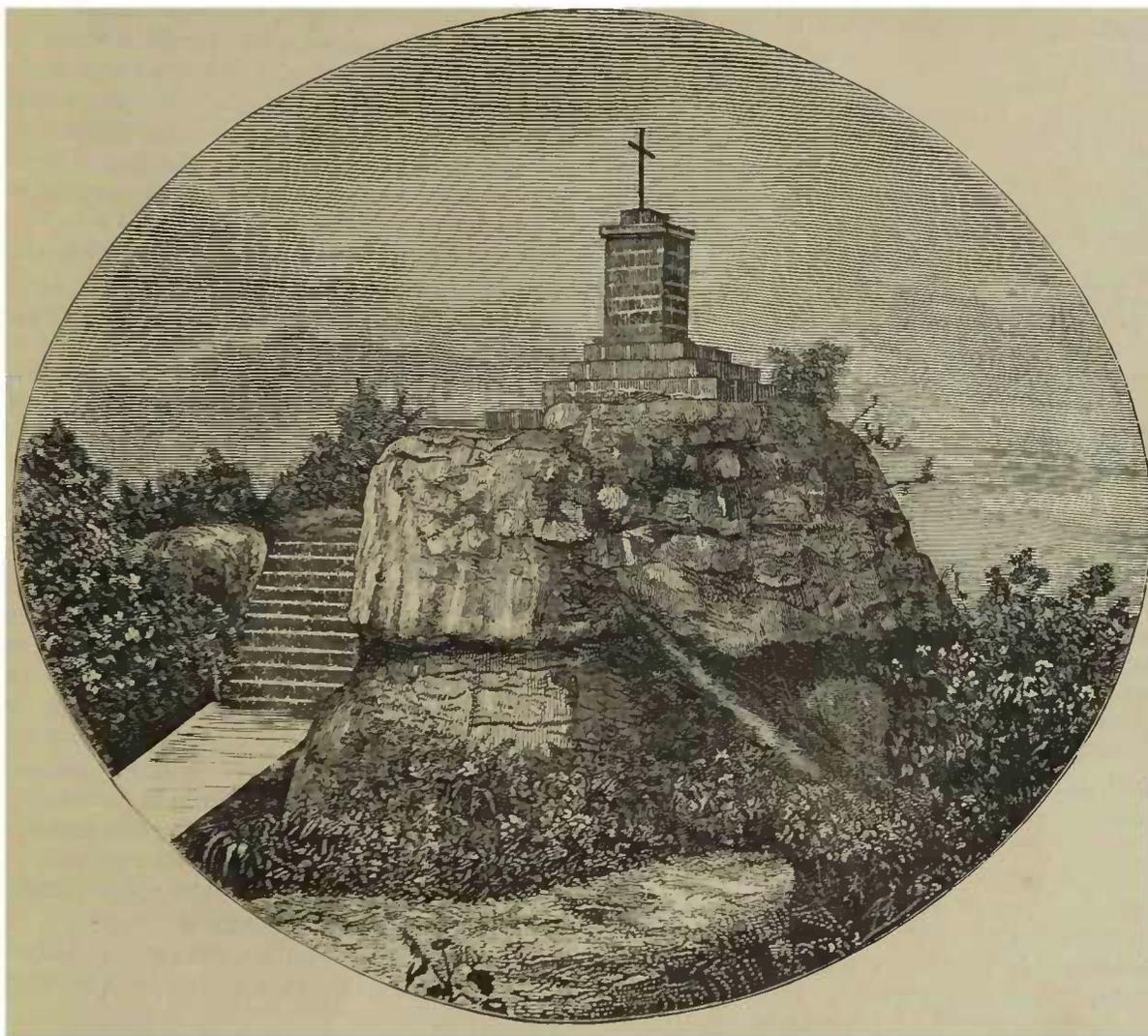
Não era Warnhagen talhado para trabalhos imaginosos, e sempre que os tentou foi-lhe certo o naufragio.— *Amador Bueno* drama historico, é de valor nullo como obra para theatro; faltava-lhe conhecimentos do palco, e até mesmo desconhecia as impressões do espectador; ao ler o seu drama dir-se-ia que nem mesmo nesta qualidade frequentára jamais o theatro. As suas lendas relativas á descoberta do Brazil e á tradição

jesuitica de S. Thomé, publicadas no *Panorama* são também destituídas de interesse, descoloridas e vulgares.

Litterariamente fallando Francisco Adolpho Warnhagen, não é uma sumidade como estylista, mas o que ao escriptor falta no brilhantismo da fórma, ao historiador compensa largamente a veracidade do fundo. A *Historia geral do Brazil* até agora não

tião da Rocha Pitta, em 1724 conseguiu pôr termo a bella missão que assumira de escrever a historia da *America Portuguesa*, mas comquanto investigasse elle os archivos e bibliothecas de Portugal, Hespanha e Hollanda, nem por isso pôde furtar-se a influencia do seu tempo sendo mais panegyrista do que historiador.

Roberto Southey, o laureado poeta inglez,



TUMULO DO VISCONDE DE PORTO SEGURO

achou competidor, e o que até então se havia publicado estava bem longe do alvo que ella attingio.

Depois de Pero de Magalhães Gandavo que em 1576 mal esboçara a infancia da nossa historia, só frei Vicente Salvador, traçara no seculo seguinte um trabalho mais completo, mas que se conservou inedito por tanto tempo, que muitos já o julgavam de todo perdido, que agora finalmente se está publicando no *Diario Official*, Sebas-

deu-nos uma historia tão completa quanto pôde fazel-a com os elementos officiaes que lhe foram ministrados pelo governo portuguez que encommendou o trabalho; o seu completador John Armitage, que proseguio a historia desde a chegada da familia real ao Brazil até ao movimento que produzio a desthronisação de D. Pedro I, foi mais feliz, pois assistiu como testemunha ocular e imparcial aos acontecimentos mais notaveis do periodo do primeiro reinado.

Não fallaremos de Beauchamp, que foi um compilador pouco escrupuloso, nem de Abreu Lima que deixa muito a desejar, já na omissão de muitos factos já na adulteração de outros. Antes do apparecimento da obra de Warnhagen, o Brazil não tinha uma historia completa até a sua independencia; cabe-lhe pois a gloria de haver preenchido essa lacuna, ainda que os annos, os successos do segundo reinado, e os adeantamentos da sciencia historica, de novo o reabrissem pedindo instantemente, pelo menos, uma refundição e assimilação de tudo quanto fizeram os precitados autores, em uma obra completamente nova.

João Francisco Lisboa, um dos mais illustres filhos do Maranhão, cujo estylo fluente e castigado orgulha os prosadores brasileiros, escreveu a respeito da obra de Warnhagen o seguinte e autorisadissimo parecer, que a todos os respeitos subscrevo sem restricções ⁷.

« Na *Historia geral do Brazil* renovam-se e purificam-se as fontes, dilatam-se os horizontes. Plano vasto e bem disposto; feliz distribuição de materias; investigação immensa, laboriosa e conscienciosa, tudo isto está muito acima da resenha ou simples indicação.

« Poder-se-ha criticar este trabalho, discrepar aqui e acolá, dos juizos e apreciações que elles contém, desejal-o retocado e ampliado n'um ou n'outro ponto, expurgado finalmente de umas tantas imperfeições ou incorrecções de fórmãs, por ventura impossiveis de evitar neste primeiro molde, e no meio da tarefa afanosa e insana de escolher e colleccionar materiaes.

« Mas emprehender outro igual, completamente renovado, e sobretudo leval-o ao cabo, é o que provalmente se não ha de ver em nossos dias; porquanto além de talento, consciencia, paciencia e saber vasto e variado, para conseguil-o seria necessario haver madrugado no intento. »

Singular aberração do espirito humano! Este notabilissimo escriptor, que tão justo fôra com o autor da *Historia geral do Brazil* pelo simples facto de, em outro lugar da mesma obra em que escreveu tão lisongeira opinião, haver discordado de Warnhagen no ponto de vista do qual este encarava os nossos indigenas, e de acoimal-o desapiedado, como na verdade se mostra sempre que trata das infelizes raças dos nossos selviculas, Warnhagen, deixando de responder a Lisboa,

⁷ *Obras completas* de J. F. Lisboa, Maranhão 1864-1865, t. III nota C dos *Apontamentos para a historia do Maranhão*.

emquanto este vivo, zurzio-o com extranhavel crueldade depois de morto. O seu opusculo verberado contra *Timon*, é uma nodoa que bem desejaria não existisse na larga e bella pagina da vida de um homem tão illustre, como foi o Visconde de Porto Seguro.

Fallecido a 29 de Junho de 1878 na cidade de Vienna, Francisco Adolpho Warnhagen, pediu em testamento duas cousas; uma ao chefe da nação e outra á familia. Ao primeiro solicitou a venia de permittir que seus filhos usassem como sobre nome o titulo do seu viscondado — Porto Seguro —, e á segunda que transportasse os seus ossos para o lugar de seu nascimento e na collina da fabrica de Ypanema levantasse um singelo monumento onde desejava repousar eternamente ⁸.

Não faltava a Warnhagem as mais distinctas provas do lisongeiro apreço; as instituições litterarias mais notaveis da Europa e da America o honraram, abrindo-lhe espaço em seus gremios; os homens de letras e sciencias mais illustres consagraram-lhe paginas da mais elevada critica, distinguindo-se entre elles o eminente d'Avezac ⁹ que a proposito da sua *Historia do Brazil* escreveu um livro inteiro; os monarchas de Portugal, Hespanha e d'Austria o condecoraram altamente, mas a nenhum desses testemunhos de apreço foi elle mais sensivel do que ao titulo de Barão e depois Visconde de Porto Seguro; não pela nobreza que essa tinha consciencia que a possuia por direito de conquista nas lutas da intelligencia — mas pela denominação—Porto Seguro—que para elle era como que a posse indisputavel do titulo de—primeiro historiador do Brazil—symbolisado no nome do primeiro porto a que se abrigara Pedro Alvares Cabral. Warnhagen, como Mont'Alverne e Alencar, foi homem cheio de orgulho, mas como Alencar e Mont'Alverne tinha e muito de que orgulhar-se ¹⁰.

FELIX FERREIRA.

⁸ V. a estampa a pagns. 57, que representa o monumento que domina a fabrica.

⁹ *Considerations géographiques sur l'histoire du Brésil; examen critique d'une nouvelle histoire générale du Brésil récemment publiée en portugais à Madrid par Mr. F. A. Warnhagen*. Paris 1853.

No t. XIV da 4ª série do *Bulletin da Sociedade geographica de Paris*. Tiraram-se exemplares em separado.

¹⁰ Além dos autores citados consulte-se a respeito de Warnhagen: Innocencio Francisco da Silva, *Dicc. Bibliog.*, e a *Revista do Inst. Hist.*, An. 1878.

FAUNA BRAZILEIRA

III

A Preguiça

Pertence á ordem dos *Desdentados* de Cuvier, ainda que impropriamente, porquanto não é ella desprovida de dentes, razão pela qual varios naturalistas têm proposto modificações a essa denominação.

Tratando deste ponto em seu bello livro *Du climats, géologie, faune et géographie botanique du Brésil*, que citámos em nosso primeiro artigo, referente ao Tamanduá, o Sr. Emmanuel Liais diz o seguinte :

« Na variedade, sob a designação de mamíferos monodelphos, desprovidos de dentes, de muitos typos distinctos, membros livres e proprios para andar na terra, não podem entrar todos os animaes que constituem a antiga ordem dos *Desdentados* de Cuvier, nome cuja significação, *sem dentes*, não convem á maior parte delles, mas sómente aos dous grupos de Papa-formigas americanos e Pangolins ¹.

O nome de Maldentados, com que De Blainville substituiu o de Desdentados, não foi de feliz acerto, porquanto é preciso convir que algumas especies dessa ordem fogem da regra, como o Tatú-gigante, por exemplo, que tem uma centena de dentes.

O de Homodontes, *de dentes iguaes*, dado a esse grupo por Paulo Gervais, em opposição a outros mamíferos que elle denomina Heterodontes, *de dentes variados*, parece indicar todos os dentes, quando alguns d'entre elles não os têm.

Estes dous caracteres se mostram na ordem chamada dos Desdentados, pois os que os têm só são molares, além disso pouco differentes entre si, e são de uma só raiz.

No *unau*², é certo, o primeiro dente de cada lado é cumprido, separado dos outros e tido pelos naturalistas como caninos, emquanto que os demais são considerados molares.

Estudando-se sómente as especies vivas, o grupo dos Anhéterodontes parece na verdade formar muitas ordens distinctas. Os Bradypos, sobretudo, comprehendendo os *unaus* e os *aís*, parecem dever ser separados inteiramente dos outros, e certamente a sua forma geral os approxima mais dos Quadrúmanos a que os ligou Linneo do que á dos Tatús.

¹ Vide no segundo numero desta publicação o que ficou dito com respeito ao tamanduá.

² Especie sem canda.

Mas a descoberta de uma grande e numerosa familia de animaes fosseis, como a dos Megatherios e outros, vizinhos dos Tatús, dos quaes se não póde separar, veio encher esse grande vasio e unir mesmo intimamente os Bradypos aos Tatús, os quaes devem-se manter na mesma ordem.

Por outro lado os Papa-formigas americanos e os Pangolins, os unicos da familia a quem falta totalmente os dentes, se assemelham entre si por certos caracteristicos, taes como a cabeça alongada, a lingua protractil e apropriada ao mesmo genero de vida, pois todos vivem da formiga.

Ao mesmo tempo elles nos mostram em seus grupos os Papa-formigas americanos cobertos de pello uns e de casco outros, bem diversos na conformação é verdade, dos Tatús, mas que não são mais do que uma transição. Os Oryctéropos, que são cobertos de pello como os Papa-formigas americanos, têm a lingua extensiva como este, ainda que em menor gráo, mas já têm molares como o Tatú, e aliás com muitas semelhanças quer com o Papa-formigas, quer com o Tatú.

A America Meridional é a patria principal dos Desdentados, pois só nella se encontram tres tribus que á primeira vista dariam tres ordens distinctas, tanto são ellas differentes entre si, a saber: os Bradypos, os Tatús e os Papa-formigas. Na India ha só duas especies: os Oryctéropos e Pangolins.

Os Bradypos approximam-se muito dos macacos pela conformação geral, mas differe nos membros, pois não têm como estes o dedo pollegar opposto aos outros dedos, mas unido aos demais por uma membrana na base das unhas; e estas são muito fortes, compridas e arcadas.

Estes animaes são, segundo o numero de dedos, divididos em dous generos: um, o « unau » (*Cholopus* de Illiger), não tem nos membros anteriores senão dous dedos sómente, e tres nos membros posteriores; o outro, o « aís » (*Achæus* de Cuvier), tem tres dedos em cada um dos quatro membros.

Neste genero o numero de dentes é de cinco de cada lado da mandibula superior, e de quatro de cada lado da mandibula inferior. Mas em relação á natureza desses dentes ha uma differença entre os dous generos, a qual consiste em que nos *unaus* o primeiro dente

de cada mandíbula, de cada lado, é maior que os outros, e pôde ser tomado como canino; nos *ans* todos os dentes são molares; em cima o segundo dente é o mais forte e embaixo o primeiro.

Seu systema dentario e disposição das extremidades as afastam dos Quadruhumanos, dos quaes aliás se approximam, não sómente pelas fórmas geraes, como pela posição peitoral das mamas, o que tambem se nota em alguns Tatús e Papa-formigas, bem como pela direcção dos olhos para diante e orelhas curtas.»

Os *Unaus*, cujos caracteristicos genericos acabamos de indicar, e que compõem o genero *Cholopus* de Illiger, ou para melhor o genero *Bradypus* propriamente dito de Cuvier, formam duas especies, das quaes só uma se dissemina pelas nossas florestas, sobretudo no norte, *Bradypus didactylus* de Linneo ou o *Unau* de Buffon, entre nós tem o nome commum de Preguiça, conforme a nossa estampa.

E' a maior especie de *Bradypus*; pôde attingir a 75 centimetros de comprimento do alto da cabeça á ponta da cauda.

A cabeça é alongada e a face levemente obliqua. Os membros são pouco desproporcionados. Tem o pello um tanto eriçado, secco, completamente escuro quando novos, e mesclados de pellos esbranquiçados quando adultos e velhos.

O pello do alto da nuca é um pouco mais comprido e escuro que no resto do corpo. A face interior das mãos e dos pés, e o tuberculo caudal são inteiramente nus.

Raramente encontra-se esse animal no chão; quasi sempre anda pelas arvores, e

destas dá preferencia ás *Cecropias* (*embadbas*), das quaes tira a sua nutrição quasi exclusivamente. No chão caminha lentamente, mas nos ramos move-se facilmente, nada bem e atravessa sem difficuldade as mais largas correntes.

O que se diz geralmente de sua extrema lentidão é um exagero; é certo que os seus movimentos são muito vagarosos, cadencia-dos quasi. Una vez installada em uma *Cecropia*, ani fica até que despojada esta dos grelos, que lhe servem de alimento, passa-se para outra. Dormem enroscadas nos ramos,

e nessa attitude se conservam a maior parte do tempo. As femeas produzem dous filhos de cada vez.

A Preguiça é noctambula; de dia dorme quasi que ininterrompidamente, e é então que seus movimentos são mais lentos; ao crepusculo mostra mais vivacidade. Quando se agarra a qualquer coisa, aperta com tanta força, que torna-se muito difficil arrancar-lhe a presa. E' mesmo muito peri-

gosa então em relação aos outros animais.

Quando se atira a uma preguiça nas arvores torna-se preciso mais de um tiro, pois tem a vida tenaz. Raramente cahem de todo mortas. Emquanto estão feridas enroscam-se com uma força extraordinaria e mesmo depois de mortas ficam penduradas nas arvores por muito tempo.

Os roceiros exageram tanto a lentidão da Preguiça, que dizem que ella leva mezes a descer de uma *embadba* para beber agua, e que morrem muitas vezes antes do termo da viagem quando o regato fica á meia duzia de metros de distancia.



PREGUIÇA



NOTAS DE VIAGEM

CIDADE DE VASSOURAS



Para aquelles que viajam nada mais agradável que tomar notas em sua carteira; embora não as dê á publicidade sempre tem o prazer de quando as encontra, entre seus papeis velhos, relendo-as, lembrar-se de episodios da vida ás vezes de bem gratas recordações. Eis a razão destas notas sem pretensão, que aqui ficam archivadas apenas como um

protesto da minha gratidão para com aquelles que tão generosamente me acolheram na cidade de Vassouras, durante os poucos dias que lá estive.

A cidade de Vassouras comquanto em geral bem collocada e bem edificada, resente-se de falta de animação e movimento; é manifesta a sua decadencia.

A Casa da camara honra o architecto que a delineou, é um bello edificio, situado em uma boa praça, elegantemente ajardinada e resguardada por uma grade de madeira; pena é que viva em constante isolamento, ninguem alli vai, exactamente como na côrte onde mui raros são os que gozam o primoroso parque da Acclamação.

A' entrada da cidade em um lindo platô depara o visitante com uma graciosa vivenda, um edificio bellamente architectado, é o palacete do Sr. Barão do Amparo, que reunindo a opulencia ao bom gosto, cerca-se de todos os confortos que já por habito já pela sua longa estada na Europa costumou-se a gozar.

O Sr. Barão do Amparo é um cavalheiro da maior distincção, que sabe amar e ser util á patria. De volta de sua viagem a Europa, d'onde trouxe preciosas collecções de objectos artisticos, encontrando a cidade de Vassouras em decadencia em vez de abandonada como tantos outros tem feito, nella restabeleceu a sua residencia e por todos os meios e modos procura reerguel-a do abatimento, animando e auxiliando os seus mo-

radores laboriosos á reconquista da passada grandeza. E' um benemerito do lugar e que mui justamente merece as sympathias que alli goza.

No alto de uma collina vê-se a igreja matriz, edificio sem belleza e sem nenhum estylo architectonico, o exterior é pobre e merencorio, no entanto que o local presta-se a uma construcção grandiosa.

O que perde porém exteriormente ganha no interior, não pela riqueza dos paramentos nem esplendores, esculpturas, mas pelo aceio, boa ordem, singeleza e harmonia da ornamentação.

Tudo isto deve-se ao actual vigario, o Revm. Monsenhor Lino da Silveira Gusmão, um sacerdote digno a todos os respetos do acatamento que lhe tributam sem excepção as suas condignas ovelhas.

Monsenhor Lino sobre ser um sacerdote exemplar, é um fabricante desvelado, quasi que as suas expensas tem sido feitos todos os melhoramentos que tem tido a igreja interiormente; os dous pulpitos que alli se ostentam graciosamente talhados são devidos a sua iniciativa e dispendio.

Os dignos Vassourenses não se tem mostrado indifferentes a tão relevantes serviços do seu venerado pastor; ainda ha pouco tempo lhe offereceram o seu retrato como pequena prova do muito que o admiram e prezam.

Entre as representações e estabelecimentos publicos que de passagem visitei, devo aqui fazer especial menção do cartorio do tabelião do termo, o bravo major de voluntarios da patria Raymundo do Espirito Santo Fontenelle. Ahi tive occasião de ver um archivo minuciosamente cuidado, uma escripturação posta na melhor ordem possivel, tudo guardado em armarios feitos com muita arte, e de modo que mediante um simples indicador em um momento encontra-se qualquer livro ou papel que se procure.

O Sr. major Fontenelle depois de ter valorosamente concorrido com a espada para a defesa da patria, concorre presentemente e não menos utilidade com a peuna para a defesa dos interesses de seus compatriotas; pois de um bom cartorio de tabelião é que depende a segurança dos direitos da familia, direitos sagrados que o notario, como o sacerdote, tem o dever de zelar incessantemente.

Resta-me fallar do Asylo Furquin do qual pouco tenho a dizer, visto não ter tido tempo de tomar sobre elle as precisas informações; si, como espero, voltar a Vassouras occuparme-hei delle e de outros assumptos que para não alongar por hoje limito-os nestas notas.

F. F. d'A.

A primeira exploração á costa do Brazil



João II ao firmar o famoso tratado de Tordesilhas em 1494, tinha, se não certeza, pelo menos vehementes suspeitas de que ao sudeste das ilhas que povoavam o Atlantico, pertencentes ao seu dominio, existiam terras ainda não exploradas. O empenho, a insistente tenacidade com que se esforçou, para que ás 100 leguas, como se havia estipulado um anno antes fossem ampliadas mais 270, bem demonstra que esta era a convicção do antecessor de D. Manoel.

O estudo da geographia e dos mappas confeccionados na idade média e sobre tudo a herança das descobertas, patrimonio da sua corôa, a que era obrigado ao seu maior desenvolvimento, descobertas que elle havia estendido até encontrar o famoso cabo das Tormentas, haviam, sem duvida, fazel-o pensar que podiam os geographos ter razão, fazendo unir o mar Atlantico com as regiões da Asia, e por conseguinte ser mais curto o caminho para attingir o desejado paiz do Oriente.

Não poderiam ser exactas as affirmativas de Toscanelli communicadas a seu pai Affonso V, de que elle tinha conhecimento, em que esse luminar da sciencia de então decidia com tão sincera convicção ser o Orbe menor do que alguns espiritos conjecturavam, e que entre o Oriente da Asia e Occidente da Europa não se interpunham senão ilhas e mares, chegando até com mathematica precisão a enunciar o numero de leguas que havia de Lisboa ás terras percorridas por Marco Polo no extremo Oriente?

Não poderiam ser realisaveis os projectos do amigo do imperador Maximiliano, o Dr. Jeronymo Monetarius, que lhe escrevia em 1493 por mão de Martin Behaim, cavalleiro de sua casa e seu servidor, instigando-o a que proseguisse nos descobrimentos e explorações para o Occidente, que com certeza encontraria terras do Cathai com mais feliz exito do que procurar-lhe a rota pelo Levante (1).

D. João II tinha, é certo, informações seguras dos enviados que havia feito seguir por terra até a India: tinha o testemunho de Bartholomeu Dias, que, transpondo emfim o grande Cabo, reconhecera que o continente africano prolongava-se para o norte, deixando um mar livre para penetrar nas regiões da

(1) Tanto Monetarius como Behaim ignoravam então os descobrimentos de Colombo, que nesse mesmo anno fez conhecer á Europa terras da America falsamente tomadas como do extremo Oriente,

Asia; mas o que elle não sabia calcular era justamente a extensão provavel entre os confins da Europa com o extremo das regiões orientaes, máo grado a affirmativa de Toscanelli em quem não acreditava cegamente, nem tão pouco de Jeronymo Monetarius, apesar de semelhantes idéas serem reforçadas por Martin Behaim, o portador da carta e preposto para realizar a empreza.

Para elle não restava duvida que rodeada a Africa chegava-se á terra das especiarias que Pero da Covilhã tão minuciosamente lhe descrevera. Pelo occidente tambem ella poderia ser abordada, conforme a opinião de muitos e enganosamente confirmada por Colombo, e nestes casos tambem elle podia ser conviva nas vantagens que dahi provinham, se por ventura a linha divisoria do repartimento das descobertas cahisse no quinhão que lhe tocasse.

Em todo o caso fossem exactos ou não os calculos de Toscanelli e de Colombo, o filho de Affonso V tinha tudo a ganhar e nada a perder com a concessão de maior numero de leguas além da linha imaginada de polo a polo que passava pelas ilhas do Cabo-Verde, pois nellas podiam existir terras habitaveis que elle podia explorar sem offender direitos de Castella.

E estas considerações de D. João II eram bem fundadas.

A longa frequencia dos navegadores portuguezes ao sul do Equador, sempre com a idéa fixa de pelo rumo de leste penetrar nas regiões do Oriente, tinham dado excellentes resultados. O seu commercio estendia-se cada vez mais e dos povos de Guiné arrancavam elles, em abundancia, o precioso metal a troco de bugigangas que nada valiam.

Este commercio não era porém sufficientemente conhecido e avaliado fóra das fronteiras de Portugal, porque a politica de seus reis nestes primeiros tempos de conquistas e descobertas era toda de calculos e de egoismo até certo ponto necessario, afim de que estranhos não fossem auferir os lucros das conquistas, resultado de tantos annos de trabalho, de gastos e de perda de preciosas vidas.

D. João II até do seu proprio povo escondia as riquezas e vantagens que colhia com o trato e conquista de Guiné, onde tinha mandado levantar uma fortaleza, não deixando correr voz da sua opulência para que se por ventura algum seu natural abandonasse o reino, não fosse a paiz estranho revelar a fonte onde colhia, em abundancia o precioso metal obtido em retorno de fazendas e quinquilharias que produziam fahulosos lucros.

D. Manoel ás primeiras noticias do descobrimento do Brazil fazia publicar severos regimentos, para que os carregadores do precioso páo da tinturaria assentassem com toda a exactidão as achas do mesmo Brazil que acondicionassem a bordo dos navios, para á vista de taes assentos lhe darem conta em

Lisboa do seu numero e peso, com ordens terminantes de não procurarem escala em nenhum porto, mesmo dos seus dominios, para evitar o contrabando e não dar a conhecer a carga que conduziam e a sua procedencia.

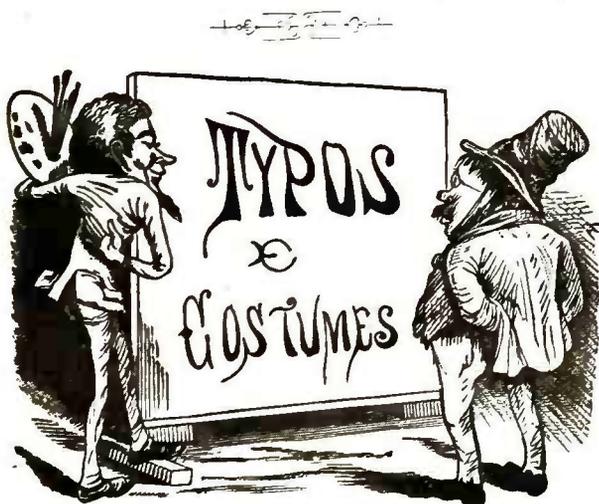
Como é sabido a arte typographica introduzida em Portugal nos fins do XV seculo não teve grande desenvolvimento e pelas razões apontadas, as noticias das descobertas, as monographias, os roteiros dos navegadores portuguezes não eram dados á luz para que as nações estrangeiras não invejassem o seu commercio e corressem a esbulhal-os, máo



grado, os direitos adquiridos na repartição das conquistas feita pelo chefe da christandade, reconhecido como competente para o fazer.

Crêm alguns autores que muitas descobertas eram sonegadas, de onde caladamente os exploradores tiravam vantajosos recursos do seu commercio e que á imitação dos seus soberanos não publicavam nem descreviam as terras incognitas onde se opulentavam.

(Continúa.)



O negro mina

O verdadeiro typo vai desaparecendo; genericamente—era o carregador de café, por excellencia; alto, membrudo, camisa curta por fóra das calças, barretinho de algodão branco na cabeça, e rolo de palha e trança, para chapéos, a tiracolo. Economista

pratico, sabia bem o aphorismo inglez *the time is money*, que traduzia livremente « emquanto se descança carrega-se pedras ».

Não carregava pedras, mas emquanto aguardava o carreto, sentado em um banquinho á sombra, trançava palha.

Severo comprador de seus deveres, era tambem exigente na paga; a ganhar pouco preferia ficar sentado com sua trança.

O typo representado em nossa gravura já não é do proletario, mas o do capitalista; libertou-se, tem banca de peixe e casa propria no Sacco do Alferes. Vae para o lar e leva um papagaio para divertir a familia.

Os proprietarios de pretos ao ganho, davam sempre preferencia ao mina; e um desses *capitalistas* de bens semoventes, um certo Porto, tinha-os ás dezenas, ás centenas.

Porto, ha uns bons vinte annos foi o maior proprietario de pretos ao ganho, chegou a ter mais de 300, e organisava para elles um codigo todo especial.

Quando fugia-lhe algum não annunciava nem pagava a capitão do matto; impunha aos parceiros uma multa diaria de 40 rs. por cabeça; assim pois em vez de perder com o fugido lucrava, pois não pagando este mais de 2\$ a 2\$500 pordia, emquanto andava *no mato*, segundo a expressão pittoresca do tempo, o senhor abiscoitava uns 10\$ a 12\$000 diarios da capitação.

O que faziam então os parceiros?—transformavam-se em capitães do mato, e em vez de meia duzia de que dispunha a Policia o desgraçado tinha a seu encalço 300 que não queriam pagar por elle os 40 rs. diarios.

Este Porto era tambem um typo no seu genero.

Quando se achou rico comprou um carro, uma parrelha de bestas para puchal-o, e outra *parrelha* de mulatinhos para governar as besta e ser por elle governada.

Um bello dia desapareceu o lacaio, e como não pertencia elle ao numero dos 300 ao ganho, o *justiceiro* senhor teve de annunciá-lo pelos jornaes; tudo porém foi debalde, o rapaz, sabia ler e escrever, e por isso internandose nunca mais d'elle houve novas nem mandados.

Já desesperava Porto de encontrá-lo, quando uma manhã foi procurado por um velho roceiro que sem mais preambulos disse que sabia onde estava o rapaz, que não vinha denunciá-lo mas simplesmente libertá-lo.

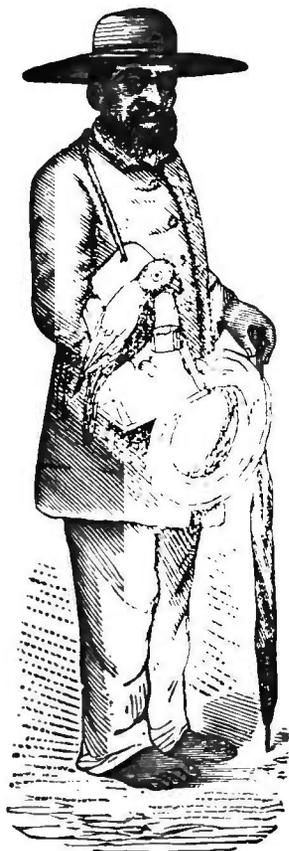
Porto, que havia comprado o pagem como *bóá peça* por 1:200\$, pediu *conscienciosamente* 2:000\$; o roceiro não regateou, pagou.

Depois de passada a carta, e averbada nas notas, Porto perguntou, por mera curiosidade ao roceiro:

— Agora que nenhum direito tenho sobre elle diga-me: que é feito desse malandro?

— Dir-lho-hei, mas sob segredo, respondeu o velho, ha quatro annos que entrou para minha casa de caixeiro e tão bem se comportou que dei-lhe sociedade.

Ultimamente pedio-me uma filha em casamento, não lh'a neguei, quando porém tratou-se dos papeis, teve elle a coragem de dizer-me a verdade. O meu primeiro impeto



PRETO MINA

foi repelil-o, mas o receio de perder minha filha fez com que tomasse esta resolução; o casamento realisa-se dentro de poucos dias.

— Franqueza por franqueza, retorquiu Porto, se soubesse disso, ter-lhe-hia pedido 4:000\$ em vez de 2:000\$, por este preço é um ovo por um real um genro desses!

O feliz pagem era filho de uma negra mina da Bahia, sabia cantar modinhas e era um bello rapagão, por isso foi que agradou a roceirinha e... ao roceiro, afinal de contas, tambem.

F. F.

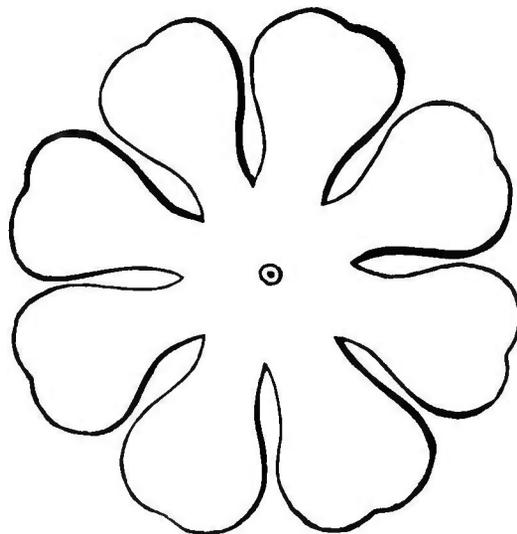


DIVERSÕES DE SALÃO

FLORES DE PAPEL



Flór de romã, ou—para melhor—*FLÔR DA ROMEIRA*, *granate*, *cravo-romã*, *cravo-granate*.
Empregue papel escarlate, bem vivo.



Côrte seis rodellinhas, tres como as que se vêm na 2ª fig. fazendo-lhe desde logo aquelles gómos; dobre-as em oito, e de modo a formar com todas uma só petala. Amarrote-as em varios sentidos, com a pinça, e assignale—na parte inferior da petala—uma ou mesmo duas pregas, para enrugal-as.

Picando depois—com linha de seda—as rodellas, separadamente, na ponta de um fio de arame bem fino, e junte-os por fim solidamente para armar a flôr, cortando curtinho a haste inferior do fio de arame.

O calix semelha-se ao do cravo; sómente, em vez da verde, é igualmente escarlate como a flôr. Deita-se um pouco de gomma arabica no calix, e introduzem-se as pontas reunidas ou petalas preparadas.

Para tornar a flôr dupla, augmenta-se o numero de camadas das pequenas rodellas.